

PRÊMIO FNLIJ 2018

PRODUÇÃO 2017

Justificativa dos votantes



FNLIJ

2018 | 50 ANOS



FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

SEÇÃO IBBY BRASIL

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

PRÊMIO FNLIJ 2018

PRODUÇÃO 2017

Justificativas dos leitores-votantes



FNLIJ

2018 | 50 ANOS

LEITORES-VOTANTES DO PRÊMIO FNLIJ 2018 – PRODUÇÃO 2017

BRASÍLIA	Cristiane de Salles Moreira dos Santos (CS)
GOIÁS	Maria das Graças M. Castro (MC)
MARANHÃO	Rosa Maria Ferreira Lima (RL)
MINAS GERAIS	CEALE – Grupo de Pesquisa LIJ – UFMG, RESPONSÁVEL: Guilherme Trielli (GPELL) Fabíola Ribeiro Farias (FF)
PARÁ	Luiz Percival Leme Britto (LP)
PARANÁ	Alice Áurea Penteadó Martha (AM)
PARAÍBA	Neide Medeiros Santos (NS)
RIO DE JANEIRO	Elizabeth D'Angelo Serra Iraídes Maria Pereira Coelho (IC) Leonor Werneck dos Santos (LWS) Maria Teresa Gonçalves Pereira (MGP) Margareth Mattos (MM) Marisa Borba (MB) Patrícia Corsino
RIO GRANDE DO SUL	Vera Teixeira de Aguiar (VA)
SANTA CATARINA	Eliane Debus (ED) Sueli Cagneti (SC) Tânia Piacentini (TP)
SÃO PAULO	Gláucia Maria Mollo (GM) Ísis Valéria Gomes (IG) João Luis Cardoso Tâpias Ceccantini

APRESENTAÇÃO

No ano de seu Jubileu de Ouro a FNLIJ tem a honra de apresentar os títulos premiados na 44ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ agraciando obras de literatura e informativos direcionadas a crianças e jovens, bem como livros teóricos sobre literatura e leitura. A primeira obra a ser contemplada com o Prêmio FNLIJ, foi em 1975 para *O rei de quase tudo*, de Eliardo França, na categoria Criança, publicada em 1974.

Este ano de 2018, foram premiados 15 livros, referente ao Prêmio FNLIJ 2018 – Produção 2017, 15 categorias contemplando 13 editoras. Os livros analisados, enviados pelas editoras à FNLIJ, foram produzidos no país e publicados no ano vigente do prêmio, totalizando 640 títulos inscritos, em 2017. Nesta publicação apresentaremos as justificativas dos leitores votantes para 44ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2018 – Produção 2017, por categoria de acordo com o ano de criação de cada uma.

Esperamos com essa pequena publicação, contribuir para o trabalho de profissionais da área de leitura, literatura e formação de leitores, além de divulgar os livros vencedores do Prêmio FNLIJ 2018 – Produção 2017.

A versão digital se encontra no site www.fnlij.ogr.br

Registramos nossos agradecimentos aos editores que enviaram 5(cinco) exemplares de cada título para a FNLIJ e aqueles que atendem a nossa solicitação enviando 1(um) exemplar de cada diretamente para casa dos leitores votantes.

Também nosso agradecimento especial aos leitores votantes que trabalham como colaboradores sem receber remuneração pelo trabalho de leitura durante 8 meses qualificando com seus currículos o Prêmio FNLIJ.

Elizabeth D'Angelo Serra

SECRETÁRIA GERAL DA FNLIJ



PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES
O MELHOR LIVRO PARA CRIANÇA
HORS-CONCOURS

A quatro mãos.

Marilda Castanha. Companhia das Letrinhas

O Livro, a quatro mãos da premiada ilustradora e escritora Marilda Castanha, com textos e ilustrações significativos, conta a história que todos merecíamos ouvir e/ou ler durante a vida. Menos ou mais vividos, estamos sempre nas mãos do tempo. Trata-se, portanto, de uma obra altamente apropriada para o público alvo, pela importância da temática que narrada de forma curta e original dialoga com o leitor sobre afeto, amizade, relacionamento familiar e passagem do tempo, características extraordinárias fazem esse belo livro ser um exemplar importantíssimo na coleção de qualquer leitor. **RL**

A obra tematiza uma história de vida, marcada pelo amor de cuidadas mãos paternas e pela efemeridade das mãos inexoráveis do tempo. Destaca-se na obra o jogo linguístico com a palavra “mãos”, que adquire uma grande carga simbólica na narrativa, contada não apenas pelo texto escrito, de linguagem enxuta, rica em conotações, mas também pelas expressivas e coloridas ilustrações em página dupla. É por meio destas que a protagonista é apresentada ao leitor. Trata-se da história de uma menina, que nasce e se desenvolve amparada por mãos acolhedoras e criativas e, já crescida, enfrenta as mãos do tempo, que modifica as histórias com a natural chegada do envelhecimento e da morte de pessoas queridas. Sendo assim, a obra aborda com delicadeza temas profundos, que fazem parte da vivência humana. A temática universal é contraposta, nas ilustrações, ao espaço regional em que a narrativa se passa, caracterizado pela forte presença da natureza típica das pequenas cidades mineiras. A referência ao interior mineiro pode ser observada na jabuticabeira do quintal da menina e na ilustração do trem, no qual a menina e seu pai passeiam em um cenário de montanhas. O projeto gráfico estabelece, por meio da forma como

a diagramação do texto escrito e das ilustrações é realizada, um ritmo significativo de leitura, que contribui para a construção da narrativa. A quatro mãos, história que já esteve em “uma sacola de mão”, é memória de vida, uma história com “mãos dadas”. **GPELL**



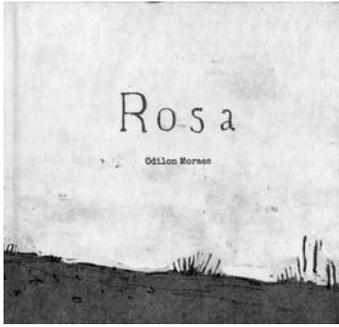
PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES
O MELHOR LIVRO PARA CRIANÇA

O passeio.

Pablo Lugones. Il. Alexandre Rampazo. Gato Leitor

A narrativa desenvolve-se com poucas, mas selecionadas palavras para transmitir sentimentos essenciais à formação do indivíduo. É a travessia da vida por meio de um mágico passeio de bicicleta que simboliza o passar dos anos e, com ele, os ensinamentos de um pai à filha, revelando o amadurecimento para enfrentar o mundo. O pai “sai de cena”, mas continua a protegê-la e a inspirá-la. É representado pela borboleta que o acompanhava então nos passeios. Há tristeza, mas superação, e coragem para seguir em frente. As ilustrações, sem dúvida, conferem à pequena “grande” narrativa uma luz especial, potencializando a obra. O traço primoroso, sensível e delicado pontua a história. A bicicleta aparece em todas as cenas, já que por meio dela, a dinâmica da vida se simboliza. **MGP**

O passeio, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo, apresenta uma narrativa tecida com os fios da memória, das lembranças de gestos de bem-querer entre pai e filha, simbolizado pela ação de aprender a andar de bicicleta. Amorosidade daquele que já viveu o caminho e o mostra “_ preparada filha?” A passagem do tempo, apresentada por meio da ilustração, organiza-se pela forma cíclica da vida (nascer, viver e morrer), a ausência do pai, torna-se presença na metáfora de carinho renovada, quando a menina, agora mulher, revive a ação de aprender a andar de bicicleta com seu filho. Uma escrita onde temas profundos são entrelaçados de forma sensível. **ED**



PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES
O MELHOR LIVRO PARA CRIANÇA

Rosa.

Odilon Moraes. Edições Olho de Vidro

O livro é a realização material de um intenso, tenso diálogo com a literatura e a vida, num processo em que texto e imagem convergem para tratar de assuntos de pai e filho, num ambiente em que o difícil de compreender prevalece compreendido, porque experimentado e narrado. Odilon não faz simplesmente um intertexto, vive o outro em si – o de lá, o doido, o famigerado, o espantoso. Um livro para gente pequena e grande admirar e respirar (fundo). **LP**

Na história de Odilon Moraes o menino “Vai se chamar Rosa. Rosa, só Rosa, mais nada. Rosa, igual nome de flor”.

Rosa, como João Guimarães Rosa.

Mas quem é o leitor de *Rosa*, de Odilon Moraes, que traz um personagem menino com nome de flor?

Será preciso desconstruir uma série de conceitos (ou seriam preconceitos?), abandonar preocupações com conteúdos ou quantidade de texto, com formas ou temas, ao nos depararmos com *Rosa*.

Será preciso não pensar em faixas etárias ao ter em mãos o livro *Rosa*.

Será preciso apenas aceitar o convite que Odilon Moraes nos faz para esta fruição estética. Um convite para ver com olhos desacostumados, olhos de Miguilim. Olhos desacostumados que perceberão a importância da capa de um branco leitoso, que prepara para a entrada no rio-livro; cada par de páginas traz um movimento simultâneo de ida e volta.

O desencontro entre o tempo da imagem e do texto deixa a sensação de ida de uma margem á outra, oscilante, para alcançar a terceira margem do rio.

Páginas quase vazias trazem silêncios profundos. Páginas completamente preenchidas por traços ágeis pedem uma observação mais demorada, pedem paciência para a fruição, quase uma degustação lenta. Pedem calma.

Odilon Moraes, escritor e ilustrador, duas vezes vencedor do prêmio Jabuti, pelas ilustrações de (A saga de Siegfried e O matador) e ganhador do Prêmio FNLIJ-O Melhor Livro para Crianças (A Princesa medrosa e Pedro e lua) conhece bem a importância da subjetividade da escrita literária, por isso faz um texto enxuto, onde predomina o não-dito.

Com referências ao universo de João Guimarães Rosa, o livro *Rosa* poderia ser uma continuação do conto “A terceira margem do rio”, de onde pega emprestada a epígrafe:

“Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?”

Ou poderia ser uma introdução?

Seria a primeira imagem uma alusão à estação de trem do conto Sorôco?

Odilon de Moraes reescreve também:

–“Rio abaixo, rio afora, rio adentro...”

Adentrando no livro-poema *Rosa*, onde predomina a sugestão mais do que a explicação, o leitor adentra devagarinho no universo de Guimarães Rosa. Com muito prazer! **MB**



PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA
O MELHOR LIVRO PARA JOVEM

Catálogo de perdas.

João Anzanello Carrascoza. Fotografias Juliana Monteiro Carrascoza. Capa e projeto gráfico Raquel Matsushita. Editora SESI-SP

O **Catálogo de perdas**, de João Anzanello Carrascoza e Juliana Monteiro Carrascoza, nos oferece uma peculiar coleção de narrativas sobre a experiência da perda, que os autores consideram como a experiência mais dolorosa de todas. Essa “coleção de ausências” constitui-se de narrativas feitas a partir do diálogo entre textos verbais (relatos de perda) e visuais (fotomontagens

imaginadas a partir de encontros inusitados entre objetos que simbolizam uma determinada perda e retratos em preto e branco de álbum de família). A perda encontra-se figurada na própria estrutura do livro, através da introdução de um princípio de descontinuidade na sequência alfabética em que os contos aparecem no livro. Embora o livro não se destine a um grupo de leitores circunscrito numa determinada faixa etária, o público jovem nele encontrará ressonâncias de sua própria experiência, seja na comovente matéria dos relatos, seja na forma plurissemiótica como ela é apresentada. Possuindo um refinadíssimo projeto gráfico-editorial e sendo marcada por uma escrita que consegue o prodígio de manter a leveza sem jamais perder a profundidade, **Catálogo de perdas** veio para ficar. **GPELL**

Inspirado no acervo do Museu de Relações Partidas, de Zagreb, na Croácia, Carrascoza constrói narrativas curtas sempre ligadas a um fato marcante do passado, a uma lembrança afetiva, a uma perda que deixou marcas sensíveis e não foi esquecida. O surpreendente em tudo isso é o impacto que a narrativa causa – existe a presença do inesperado. Atente-se para a perfeita simbiose entre o texto verbal e a imagem fotográfica, esta também marcada pela surpresa. Cada texto vem na companhia de uma foto relacionada com o fato narrado, ressalte-se que a imagem vai além da palavra escrita, através dele é possível se fazer uma nova leitura. **NS**

Catálogo de perdas, de João Anzanello Carrascoza, é uma obra surpreendente, tanto no que diz respeito às narrativas de perdas, como já anuncia o título, quanto ao projeto gráfico, de rara beleza. Cada página dobrada contém a surpresa de uma foto que, em preto e branco, anuncia um relato de experiências dolorosas; capa, contrapaca e páginas de guarda trazem imagens fotográficas que contribuem para o enriquecimento da obra. Os episódios mantêm coerência e unidade narrativa, mesmo que não sejam lidos na sequência em estão dispostos no sumário. O leitor depara-se com relatos rápidos, às vezes extremamente curtos, em prosa enxuta, em cuja concisão vislumbra-se exemplarmente a dor das relações humanas, como no episódio “Cinto”: “O pai. Apesar de morto, odeio-o com a mesma força que ele me punha para andar na linha” (p. 30). **AM**

A obra de João Anzanello Carrascoza, autor tantas vezes premiado, seduz o leitor pelo lirismo de suas narrativas, que entremeiam quase sempre ternura e visão

crítica, seja em relação às relações pessoais ou a posicionamentos diante do mundo. Às vezes, recorrendo à ironia.

Muitas reminiscências da infância (ou seriam memórias inventadas?), lembranças do núcleo familiar ou dos amigos são um farto material para sua literatura. Carrascoza sempre busca construir um mundo de delicadezas, possibilitando escolhas ao leitor. Assim, seus textos ressoam no leitor ou ouvinte provocando idas para além deles, instigando a capacidade de criação e reconstrução de emoções e sentimentos. Por estas razões vemos com muita alegria todas as novas edições ou reedições lançadas no ano de 2017.

O autor, como poucos, "*mantém registrado em seu texto suas proposições singulares, suas características específicas, seus mistérios sem respostas ou seu encantamento diante da poesia que circula no mundo*", como escreveu Bartolomeu Campos de Queirós, em seu texto *Leitura*, um diálogo subjetivo tratando da qualidade dos textos escritos para crianças e jovens.

A qualidade de sua obra vem reiterada em *Catálogo de Perdas*, editado em 2017 pela Editora Sesi-sp. A inspiração para mais esta obra de arte vem de longe, do acervo do Museum of Broken Relationships, em Zagreb, na Croácia, que reúne exposições temporárias, relatos e objetos enviados por pessoas do mundo inteiro—"os símbolos catalizadores de suas relações partidas".

Apesar de a organização ser em ordem alfabética de títulos, textos e fotografias são independentes e poderão ser fruídos e usufruídos em qualquer ordem, numa tripla experiência: a estética do texto, a estética das fotografias e a estética do projeto editorial (ao abrir a página de cada texto, desdobra-se a fotografia que passa a ocupar uma página dupla).

Escreve Carrascoza no conto *Cinto...*

"O pai. Apesar de morto, odeio-o com a mesma força que ele me punha para andar na linha."

Ao tratar de perdas definitivas, com dureza às vezes, ou delicadeza em outras, podemos afirmar que os ganhos serão sempre do leitor. **MB**

A obra desenrola-se em torno de tema pouco usual ao jovem, como a perda e a recuperação da memória estampada nos textos verbal e visual. Contudo, o mote tem a ver com as relações humanas, sobretudo no cruzamento dos tempos, o que dá ao jovem uma dimensão existencial mais ampla. A edição é adequada, com projeto editorial caprichado e imagens desdobradas (que dialogam com as palavras) em cores neutras, que remetem ao tema e despertam a curiosidade do leitor. **VA**



PRÊMIO FNLIJ LUÍS JARDIM
O MELHOR LIVRO DE IMAGEM



De flor em flor.

JonArno Lawson e Sydney Smith.
Companhia das Letrinhas.

O enredo é de JohnArno Lawsom e as ilustrações de Sydney Smith e contam a história de um outro chapeuzinho vermelho que vai colhendo flores silvestres nas frestas do concreto. As ilustrações inicialmente são em preto e branco com exceção do casaco de capuz vermelho e as flores que vão surgindo. E as flores vão sendo depositadas pelo caminho, em situações do cotidiano de qualquer criança. Uma narrativa sensível e emocionante. **MC**

Um passeio pela cidade grande, movimentada e cinza pode se transformar a partir de pequenos gestos possíveis a olhares amorosos. Em *De flor em flor*, a menina-personagem colore as páginas da narrativa, muito simples e delicada, com seu olhar amoroso para o espaço, os animais e as pessoas que o habitam. A narrativa é construída com imagens e cores que acompanham esse movimento, em um projeto gráfico harmônico e bem realizado. **FF**

É um livro encantador. Somente uma leitura atenta pode desvelar as possibilidades dessa rara experiência, tal a gama de reflexões e sensações que afloram no leitor. A composição gráfica é multifacetada: quadros, quadrinhos, tiras, páginas inteiras, o espaço se desdobra: o preto e o branco vão até determinado momento da narrativa, transformado no colorido que acentua as ações da menina na sua caminhada pela vida, valorizando as pessoas especiais, mesmo simples em sua representatividade no mundo. As flores se destacam pelo que simbolizam pela luz e pela beleza que emanam. O casaco vermelho da menina “grita” nos espaços em que se desenrola a narrativa como um farol que guia os leitores nessa aventura fascinante. **MGP**

No livro *De flor em flor* as imagens narram a história de uma menina-chapeuzinho vermelho que, andando com um adulto (o pai) pela cidade, colhe flores no asfalto. Flores singelas e miúdas que mais tarde serão dadas de presente ao passarinho morto encontrado pelo caminho, ao senhor que dorme no banco da praça, ao cachorro que está na coleira. Flores singelas e miúdas que ao final serão levadas para casa e carinhosamente recebidas pela mãe e irmãos. Flores que, delicadamente, enfeitarão seus cabelos.

Gestos singelos que fazem uma vida melhor!

De flor em flor é um livro que, provavelmente, será manuseado com muito prazer. O colorido e tamanho das ilustrações possibilitam descobertas de detalhes que contam a história. Desenhos grandes em preto e branco e o uso de cor apenas em detalhes como na capa vermelha, nas flores ou na senhora que lê enquanto espera o sinal abrir ajudarão o leitor a elaborar alguns mecanismos de abstração e criatividade.

Um livro de imagens que certamente contribui para a fruição estética do leitor, como também para que se forme um leitor mais observador e mais crítico. Crítico não só de ilustrações e de textos, mas de um conjunto de outras expressões, de outros suportes, quiçá mais crítico do mundo em que vive. **MB**

De flor em flor, de JonArno Lawson e Sydney Smith é uma narrativa intensa e carregada de ternura, composto sem palavras, as imagens trazem como protagonista uma menina que espalha gestos de afeto aos transeuntes que encontra, recolhendo do asfalto flores. Flores que são ofertadas pelas pequenas e gentis mãos da menina e que são recebidas como dádiva, reconciliação entre o cinza da vida e o colorido dos gestos. Nem só de palavras vive a literatura para infância, nem só com palavras nos irmanamos, no encontro entre o dar e o receber a vida se renova e se resignifica. **ED**

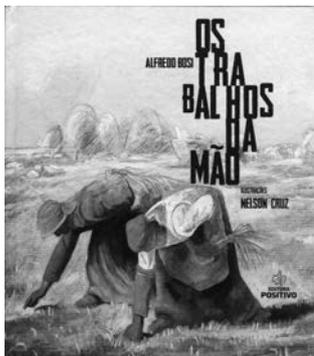
De flor em flor é um livro tão doce e único quanto a protagonista da história: uma menina que usa um casaco vermelho com capuz e que está andando com seu pai pela cidade. O pai da menina não está muito ligado no que ela faz durante o caminho, pois passa a maior parte do tempo falando ao celular.

Por onde os dois passam - ruas, parques, lojas, pontes, praças etc - a menina colhe todas as flores que encontra. Apesar de elas não estarem em lugares óbvios ou facilmente visíveis, a menina as vê e as recolhe.

O melhor da história é que do mesmo jeito que ela colhe as flores, também as

devolve em locais do trajeto que merecem homenagens, enfeites ou alegria. E é puro êxtase até quando chega em casa.

As ilustrações são belas e nos permitem imaginar que coração lindo tem essa outra chapeuzinho vermelho, que agora vive da cidade. O livro tem projeto gráfico impecável e merece ser conhecido por diferentes tipos de leitores. **GM**



PRÊMIO FNLIJ MALBA TAHAN
O MELHOR LIVRO INFORMATIVO

Os trabalhos da mão.

Alfredo Bosi. Il. Nelson Cruz. Editora Positivo

É difícil dizer que *Os trabalhos da mão*, texto de Alfredo Bosi, seja propriamente informativo. Diz da mão, das coisas que se fazem com ela, da vida que se produz com ela, da arte, cultura, ciência; quer fazer o leitor ver, perceber, sentir a humanidade do gesto criador, num ritmo escandido, poético, gentil e admirado. Ainda menos instrutivos são os desenhos de Nelson Cruz, em diálogo com a pintura (obra de mão) ocidental e com o texto de Alfredo Bosi, os gestos, os fazeres da mão. Eu me espanto com tamanha humanidade e me conforto ao ler e ver uma obra escrita e desenhada por mãos e espíritos generosos. **LP**

A literatura é imprevisível, um ensaio pode se tornar um belo livro ilustrado, como aconteceu com “Os trabalhos da mão”, da Editora Positivo, texto de Alfredo Bosi, ilustrado por Nelson Cruz. O livro agrada o público juvenil e o adulto. Cada fragmento do ensaio vem na companhia de uma ilustração. Ao manusear o livro, o leitor se depara com VAN GOGH, Vincent – “Estudo de mulher camponesa plantando beterraba”; DEBRET, Jean – Baptiste - “Índios na missão de São José”; COUBERT, Gustav – “Mulheres peneirando trigo” e muitos outros. O leitor caminha da linguagem verbal para a pictórica., o que proporciona um clima de enlevo com a beleza poética do texto e o bonito trabalho de recriação de pinturas famosas de Nelson Cruz. **NS**

Um encontro de dois talentos ocorre nesta obra que a Editora Positivo lança. De um lado o intelectual, escritor, teórico de literatura, filósofo, político e engajado professor universitário Alfredo Bosi. De outro, o premiado ilustrador Nelson Cruz, destaque da nova geração da produção brasileira e internacional de livros para infância e juventude. O texto, *Os Trabalhos da Mão*, é um ensaio do livro de Alfredo Bosi, *O ser e o Tempo da Poesia*, 1977, que Nelson Cruz retoma através da bela ilustração, inspirada em obras clássicas de arte, num diálogo sutil sobre a importância e a funcionalidade das mãos. Um livro para todos os leitores, neste cruzamento de alto nível entre as linguagens das artes plásticas e texto literário. Um trabalho inovador e criativo para conhecimento dos jovens e oportunidade de rever as obras de arte que inspiraram o ilustrador nesta produção. **IC**

Originalmente publicado no livro *O ser e o tempo da poesia*, o ensaio “Os trabalhos da mão” transforma-se em livro ilustrado pelo trabalho das mãos, da inteligência, do talento e da sensibilidade de Nelson Cruz.

A partir de uma seleção de obras de artistas considerados grandes mestres da pintura ocidental que retratam a temática do trabalho das mãos, Nelson Cruz reproduziu-as, reinterpreta-as e fazendo-as dialogar com o elegante texto de Alfredo Bosi que, metonimicamente, discorre sobre a natureza humana, suas habilidades, seus bem-feitos e mal feitos, suas melhores virtudes e piores vícios: “A mão abre a ferida e a pensa. Eriça o pelo e o alisa. Entrança e destrança cabelo. Enruga e desenruga o papel e o pano. Unge e esconjura, asperge e exorciza. || Acusa com o índice, aplaude com as palmas, protege com a concha. Faz viver alçando polegar; baixando-o, manda matar” (p. 12-15).

Os paratextos visuais e verbais situados nas partes pré e pós-textuais do livro enriquecem sobremaneira a edição. Destaca-se o posfácio intitulado Nota do Ilustrador, no qual revela sua motivação para a concepção e realização do livro, e seus esboços, apresentados junto das referências das obras originais, que permitirão ao leitor pesquisá-las em outras mídias e/ou suportes.

Mais uma vez Nelson Cruz brinda, a nós, seus leitores, com um projeto editorial revelador de um criterioso trabalho de pesquisa, oferecendo-nos uma obra dotada de originalidade e de qualidade excepcional. **MM**

Numa prosa altamente poética, Alfredo Bosi centra-se na figura das mãos, descrevendo suas utilidades, atitudes, gestos e trabalhos. Da delicadeza das mãos da

rendeira à descoberta do braile, que dá luz ao cego; do ato criador, ao dar ao mundo o sol e a lua ao gesto significativo de dar a mão ao outro; do entrelaçar das mãos ao rezar ao ato infame de matar o próximo; do lavar a terra ao acionar botões das máquinas, com o advento da modernidade, entre outros tantos, Bosi leva seu leitor a uma viagem, instigando-o a olhar as próprias mãos e a conhecer-se um pouco mais a partir delas. A ilustração de Nelson Cruz oportuniza novas leituras, não somente do mote usado por Bosi, como de um passeio por obras de artistas consagrados, em que as mãos são suas grandes aliadas. Parceria mais que perfeita essa de Bosi e Cruz. **SC**



PRÊMIO FNLIJ ODYLO COSTA,
FILHO
O MELHOR LIVRO DE POESIA

O mar de Cecília.
Rosinha. Ed. do Brasil

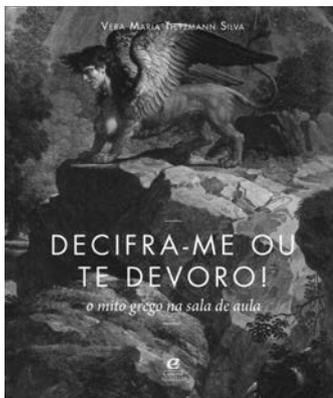
O mar de Cecília se mistura com o mar de Rosinha. Ao homenagear Cecília Meireles, a autora nos leva a ver “que no mar de poesia a palavra é vida”. O texto, o projeto gráfico e as ilustrações são primorosos e nos leva a navegar no mar de Cecília, onde, “as ondas vêm e vão, vem e vão”, e, “nada é vão”.

Rosinha é uma pernambucana, que iniciou sua carreira de escritora e ilustradora, bem de mansinho, e conquistou seu espaço entre imagens e palavras. Desde então, procurou pretextos para caminhar entre imagens e palavras. Em destaque, a coleção Palavra Rimada com Imagem, que ganhou vários prêmios da FNLIJ, prêmio Açorianos e o prêmio Jabuti. **MC**

O mar de Cecília, escrito e desenhado por Rosinha, é um poema-homenagem a Cecília Meireles e um convite à leitura de sua obra. Com texto e imagens em um bonito projeto gráfico, os versos reinventam elementos presentes na poesia de Cecília, especialmente nos versos escritos para as crianças, tendo como imagem poética central o mar. As imagens, em tons de cinza e azul, iluminam os versos, que criam, com palavras, reverberações dessa luminosidade. **FF**

A poesia é imensa, como imensas são as formas como nos apropriamos delas (as poesias...); Aqui, em *O mar de Cecília*, a poesia se desdobra em fruir e buscar a poesia de outra poeta, tomando o mar como elemento articulador. Num jogo de texto e imagem, Rosinha volta-se à criança convidando-a a conhecer e viver a poesia pela história e obra de Cecília Meireles e, assim, conhecer-se e viver sua própria história. **LP**

Trata-se de um livro de versos criativos que têm como intertextos os poemas de Cecília Meireles, sobretudo de *Mar absoluto* e *Ou isto ou aquilo*. Em formato alongado horizontalmente, o livro contém belas ilustrações em sépia, preto e branco que, ao correr das páginas, recebem o azul, para lembrar o mar. A diagramação cuidada contribui para a fruição da leitura, aproximando o leitor da fonte inspiradora. **VA**



PRÊMIO FNLIJ CECÍLIA MEIRELLES
O MELHOR LIVRO TEÓRICO

Decifra-me ou te devoro! O mito grego na sala de aula.

Vera Maria Tietzmann Silva.
Cânone Editorial

Vera Tietzmann é uma professora aposentada do curso de Letras da UFC, que há mais de trinta anos, trabalha com a disciplina de literatura infantil com estudos e publicações sobre diversos autores da área, bem como sobre formação de professores e mediadores de leitura.

Decifra-me ou te devoro, é destinado a professores e promotores de leitura e os inicia na mitologia greco-romana. O mito grego na sala de aula, a partir de um texto claro, simples e objetivo. Como relata a autora, o livro pretende: “Fornecer aos leitores a possibilidade de ampliar seus recursos de compreensão do texto pode converter a leitura numa experiência mais rica e duradoura para esse leitor”. A ilustração e o projeto gráfico de Alanna Oliva são impecáveis. **MC**

O livro *Decifra-me ou te devoro! O mito grego na sala de aula*, de Vera Maria Tietzmann Silva, com projeto gráfico-editorial muito bem realizado, é uma publicação de grande valor para professores e promotores de leitura. Dividido em quatro partes – “Em busca das origens”, “Em busca de si mesmo”, “O encontro com o outro” e “Percurso e passagens” – o livro não se caracteriza, apesar do título, como um manual, com práticas para a sala de aula. Trata-se de uma proposta de treinamento do olhar para reconhecimento de intenções e manifestações do legado dos mais diferentes mitos, nas entrelinhas dos textos literários. Além de belas ilustrações, recortes de telas e esculturas da arte clássica, paratextos importantes, como a Introdução “Sobre leitura, herança cultural e ensino de literatura”, as Referências e um Guia de Leituras – Leituras do professor e Leituras do aluno – complementam o projeto editorial. **AM**

Um livro completo, original, instigante, que convida a leituras multimodais e a práticas pedagógicas criativas. Essa é a melhor definição para *Decifra-me ou te devoro! O mito grego na sala de aula*. Cuidadosamente organizado em quatro partes que se complementam, este livro apresenta para o professor as origens dos mitos gregos, que fazem parte da nossa herança cultural, explica alguns desses mitos e relaciona-os a obras mais contemporâneas, tanto literárias como cinematográficas.

Assim, referências ao longo do texto e no guia de leituras, ao final, colocam, por exemplo, Marina Colasanti, Angela Lago e Agatha Christie ao lado de Christopher Plummer, Ursula Andress e Brad Pitt, mostrando como são narrados, reinventados e desconstruídos os mitos na contemporaneidade. As sugestões de leituras são cuidadosamente divididas em teoria para o professor, obras literárias para os alunos e filmografia para todos.

O projeto gráfico-editorial é primoroso, com ilustrações monocromáticas em tons de azul, reproduzindo obras de arte que dialogam com o material verbal. Em algumas páginas, boxes laterais, também ilustrados, descrevem personagens e explicam o significado de alguns mitos.

Trata-se, portanto, de um livro pensado para ajudar o professor em sala de aula, mas sem cair em didatismos, pois vai além e convida todos os leitores a interagir com essas histórias tão determinantes no nosso imaginário, presentes intertextualmente em obras infantis e adultas, em filmes e novelas, em músicas e pinturas. Uma leitura essencial para todos, e obrigatória para o professor repensar sua prática pedagógica com a leitura em sala de aula. **LWS**

Trata-se de uma riquíssima fonte para a formação dos promotores de leitura, que, ao mesmo tempo em que apresenta os mitos gregos e romanos, atualizando importante fatia de nossa herança cultural, provoca uma reflexão sobre sua leitura para a compreensão no mundo atual. O livro possui projeto gráfico cuidado, com inúmeras reproduções artísticas, permitindo ao leitor fruir visualmente as obras criadas através dos tempos. Ao abrir-lhe a possibilidade de ler as entrelinhas, sugere-lhe novos modos de incentivar a leitura dos jovens. **VA**

Em **Decifra-me ou te devoro**, a autora propõe inúmeras formas de levar para a sala de aula os mitos gregos. Nada mais salutar. A apresentação deles é primorosa, com imagens que reportam o leitor à arte e ao próprio mito apresentado. Seu objetivo, segundo palavras de Silva, é aproximar seu leitor dos mais diferentes mitos, incentivando professores e alunos a perceberem o quanto deles ainda serve de base para nossa orientação interior. Profundamente didática, Vera dá ao professor passos interessantes para a utilização, tanto dos mitos gregos, como dos que, atualmente, se fazem presentes em autores contemporâneos, como Marina Colananti. Se ler é fundamental para o nosso autoconhecimento e os mitos da mesma forma, nada mais oportuno do que fazer do ato de lê-los uma parceria duplamente significativa. **SC**



PRÊMIO FNLIJ FIGUEIREDO PIMENTEL
O MELHOR LIVRO RECONTO

Contos de Moçambique.

Adaptação Luana Chnaiderman de Almeida.
Fotografias e pesquisa Christian Piana.
Editora FTD

O fotógrafo italiano Christian Piana, com muita sensibilidade, mergulhou no universo da tradição popular de Moçambique em busca de imagens e palavras traduzidas nessa bela obra adaptada pela Luana Chnaiderman de Almeida, cujo domínio da linguagem convida o leitor para conhecer a origem da tradição oral através dos contos, mitos e lendas da pequena vida de Caia. O livro contos de

Moçambique, traz uma narrativa encantadora e repleta de sabedoria e humor - Histórias contadas em baixo de árvores ou ao redor do fogo para crianças e jovens, que passam valores e levam o leitor a refletir sobre o presente. As lindas fotografias e o projeto gráfico/editorial cuidadosamente elaborado conferem a excelente qualidade da obra. **RL**

Para escrever este livro, Christian Piana viajou até Moçambique, percorreu cidades, vilas e resolveu ficar em Caia, tirar fotografias e ouvir as histórias e as lendas do povo moçambicano, isso resultou no bonito livro “Contos de Moçambique”. As histórias recolhidas por Christian Piana foram adaptadas por Luana Chnaiderman e trazem sempre um ensinamento ou encerram uma lição de moral. As fotografias retratam o ambiente africano com seus tipos físicos, sua paisagem. São dez contos recolhidos pelo fotógrafo/viajante que conheceu de perto os contadores de histórias africanas. Ele contou com a ajuda de várias pessoas que habitam a região, são detentoras do saber popular e desejam que as tradições sejam mantidas. **NS**

O projeto gráfico-editorial de *Contos de Moçambique*, primoroso e em sintonia com a riqueza e a força da cultura africana, além de paratextos importantes – Sumário, Apresentação (escrita por Cristian Piana), texto final de Rita Chaves, informações sobre os autores e agradecimentos, papel de qualidade, contém fotos artísticas, que primam por aspectos como enquadramento, luminosidade, cores, de lugares e objetos do cotidiano em Moçambique. As dez histórias, narradas sob as árvores de vilas africanas e recolhidas pelo pesquisador fotógrafo Cristian Piana, recuperam contos, mitos e lendas, narrativas mágicas que revelam estreita ligação com a natureza humana e recupera o passado sem perder de vista o presente. São histórias que instigam os leitores a perceberem no mundo africano suas próprias raízes (sentimentos e cultura) e a valorizar a tradição oral. **AM**

Conhecemos muito pouco a respeito de Moçambique e de outros países africanos. E esse pouco geralmente está sujeito a uma visão eurocêntrica de mundo, na qual os habitantes desses países são vistos ora como selvagens ora como quase crianças incapazes de decidir seu próprio destino. Também pouco sabemos a respeito da cultura desses povos (só em Moçambique há mais de 20 grupos étnicos): suas línguas, seus costumes, suas histórias. Para preencher essa lacuna,

o livro *Contos de Moçambique* nos apresenta dez “histórias contadas ao pé da árvore ou ao redor do fogo”, recolhidas pelo autor na vila rural de Caia, no interior desse país africano.

Assim, somos apresentados a pessoas e animais que interagem com árvores e demais elementos da natureza, ao som de ritmos ancestrais. Por meio dessas histórias, o leitor contemporâneo, acostumado a computadores e trânsito caótico, percebe um pouco da sabedoria, do tempo ancestral, da magia dos povos que até hoje vivem em ruas de terra batida e casas simples à beira de um rio.

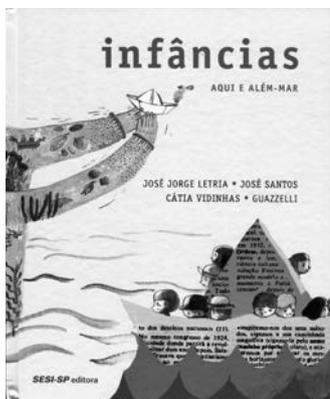
O projeto gráfico-editorial é lindo, ricamente ilustrado com fotos em preto e branco de paisagens e integrantes das etnias presentes nas histórias. O leitor tem a impressão de estar ele mesmo na roda de histórias, diante de personagens e cenários sugeridos nas páginas. É um livro que trata com respeito os personagens e as culturas de Moçambique, que encanta o leitor pelas imagens e pelas palavras, que mostra como somos tantos e tão plurais como a areia dos rios. **LWS**

Contos de Moçambique é composto de dez contos recolhidos em Moçambique e recontados por Luana Chnaiderman de Almeida, acompanhado do belo trabalho gráfico de fotografia e pesquisa de Cristin Piana, que traz as cores da bandeira de Moçambique em evidência. Acompanha o livro um paratexto da professora especialista em literatura africana Rita Chaves. Sem sombra de dúvidas é uma produção importante quando pensamos o cumprimento da Lei 10.639 /2003 que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo da Educação Básica, fortalecendo o papel de ampliar o repertório dos leitores brasileiros, aproximando-os de narrativas que apresentam aspectos culturais da cultura africana. **ED**

Recolher histórias da tradição oral, parece coisa do passado, dos nossos Irmãos Grinn. Mas não é bem assim. Há muito a fazer nessa área da literatura cuja origem se perde no tempo. É o caso de Moçambique o segundo país em número de falantes de Língua Portuguesa. Com os contos registrados na memória de pessoas de mais de 20 grupos étnicos que falam a língua local restrita a poucos, como o Changana, Ronga, Ndau, Senna, Macua, Maconde e outros idiomas dos mais expressivos na região dos quais nunca ouvimos falar. É um tesouro a céu aberto, ver os moçambicanos bilíngues a falar também a língua oficial de Portugal. A língua nos une ao país africano da costa do oceano

Indico. Temos muito a comemorar com a edição desse livro que nos oferece uma literatura diferenciada que por aqui chegou e se perdeu e se achou na população negra da diáspora que é o nosso repositório da sabedoria desse povo do outro lado do mar.

São dez histórias gravadas pelo fotógrafo italiano Cristian Piana que andou com o gravador e a máquina fotográfica pelos 800km² do país. Guardou por muito tempo o seu trabalho. Hoje nos chega em um belíssimo livro muito bem editado e ilustrado com as fotos. Ao adaptar os contos, Luana preservou o essencial. O inusitado, um modo narrativo mágico e ao mesmo tempo natural como no conto; *Nitzai não quer casar*. Pag.71. A moça que de tanto escolher um par perfeito acaba por se casar com um Giwa, um pombo que se transformava em homem. Leitura maravilhosa que retrata a essência de um povo. **IV**



PRÊMIO FNLIJ HENRIQUETA LISBOA
O MELHOR LIVRO DE LITERATURA EM
LÍNGUA PORTUGUESA

Infâncias: aqui e além-mar.

José Jorge Letria e José Santos. Il. Guazzelli e
Cátia Vidinhas. Editora SESI-SP

Feliz a parceria entre Brasil e Portugal nesta obra poética de José Santos e José Jorge Letria. Da escolha de temas que fazem parte da infância, jogos, brinquedos, músicas, esportes entre outros nasceram belos poemas que oferecem ao pequeno leitor a possibilidade de vislumbrar novas experiências e compartilhar prazeres da vida, seja no Brasil ou além-mar.

As ilustrações ficam a cargo da portuguesa Cátia Vidinhas e do brasileiro Eloar Guazzelli, que traduzem em gostosas imagens os momentos vividos e partilhados pelos autores. O projeto gráfico de qualidade arremata a obra. **cs**

O livro celebra bem a Língua Portuguesa de Portugal, de lá e do Brasil, de cá. Poemas com o mesmo tema são cotejados. Os autores traduzem suas origens

tanto no léxico quanto na sintaxe, dando oportunidade a que o leitor observe as possibilidades de registro da mesma realidade. Patenteia-se o fato de que é a mesma língua já que não há qualquer dificuldade para apreensão do significado. Possíveis vocábulos de cá e de lá são devidamente explicados no pé de página quando existe possibilidade de dúvida quanto ao sentido. Os temas são do cotidiano e a composição gráfica favorece a fluência da leitura. A apresentação é encantadora, com explicações sobre os autores e seus percursos, ressaltando que, apesar de suas diferenças, o que os une é o espírito da mesma língua, a sua ancestralidade e o período da infância, tão caro a ambos. **MTG**

Uma parceria muito bem-sucedida entre autores portugueses – Jorge Letria e Cátia Vidinhas – e brasileiros – José Santos e Guazzelli – resultou em um adorável livro ilustrado de poesia sobre a temática da infância. Não a infância singular, mas a plural: as memórias das infâncias reveladas pelos autores das partes verbal e visual da obra.

Cada escritor assina 22 poemas, totalizando 44. Em cada página dupla, dois poemas sobre o mesmo tema e com o mesmo título inscrevem-se em suas extremidades, alternando-se, a cada página, a ordem de apresentação dos autores. Os 22 títulos são Infância, Amigos, Sonhos, Brinquedos, Livros, Escola, Filmes, Parentes amados, Casa, Animais, Televisão, Bicicletas, Medos, Doce e salgado, Esporte, Viagens, Mar, Jornais, Céu, Músicas, Superstições, Jogos.

O que une cada dupla de poemas é sempre uma ilustração de um dos ilustradores, cada um deles responsável por 11 ilustrações, alternando-se a cada página dupla e totalizando 22. Essa alternância só é percebida pelo estilo de cada ilustrador, pois as ilustrações não são assinadas como os poemas, em que seus autores são identificados pelas iniciais de seus nomes – [JLL] e [JS].

Esse jogo proposital e simétrico de alternâncias dos poetas e dos ilustradores de um e outro país lusófono, ora promove certo “apagamento” das marcas linguísticas, culturais e geográficas de Portugal e do Brasil, ressaltando-se as afinidades das memórias de infância dos poetas e ilustradores, ora necessariamente as revela. É o caso dos poemas intitulado “Brinquedos”, por exemplo, em que, já nas suas primeiras estrofes, podem-se vislumbrar diferentes usos linguísticos, assinalados, inclusive, por asteriscos indicativos de notas de rodapé com o significado dos vocábulos pretensamente desconhecidos pelo leitor brasileiro: “Sonhava meses inteiros | com a chegada do Natal, | eu ganharia presentes | de madeira e de metal.” [JS]|| “Brinquedos havia poucos | por ser um tempo

contido. | Carros, cromos* e peluches** | e palavras com sentido.” [JL](p. 15).

A capa do livro é um compósito de duas ilustrações do miolo assinadas por Guazzelli e Vidinhas, preparando o leitor, assim como as formas visuais inscritas nas guardas decorativas e em outros peritextos das partes pré-textuais, para o ingresso no reino poético da infância.

O projeto editorial, muito bem cuidado em todos os seus aspectos, confere ainda mais qualidade a esta obra que merece, com muita justiça, o prêmio da categoria. **MM**

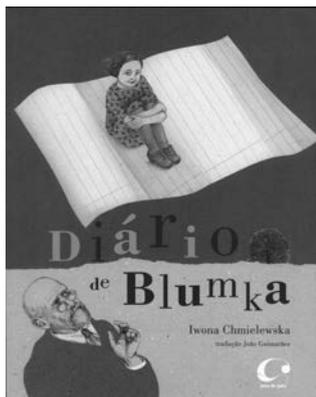
Estreitando fronteiras entre países irmãos, o poeta português José Jorge Letria e o poeta brasileiro José Santos conversam através de seus versos. Ambos nascidos na década de 50, brincando de forma rimada, apresentam ao leitor as semelhanças e diferenças entre países, a partir de motes como brinquedos, viagens, casa, livros, esportes e outros tantos. Não há como não encantar-se ao conhecer a meninice vivida por esses autores, que dialogam poeticamente sem considerar empecilho o Atlântico que os divide. A delicadeza dessas lembranças é acompanhada dos traços da ilustradora portuguesa Cátia Vidinhas e do conhecido brasileiro Eloar Guazzelli. Leitores de diferentes idades, com certeza, ao olhar o livro como um todo ou em pequenas doses trarão - com a um espelho - momentos da própria infância, seja ela longínqua, de um momento recém vivido ou apenas iniciado. **SC**

Poemas que falam das diferenças e semelhanças da infância de poetas daqui e de além mar. Os temas são singulares: brinquedos, jogos, amigos, animais, doces preferidos. Tudo igual, e muito diferente porque a memória da infância tem registros por vivências e circunstâncias. A alma e os sentimentos são os mesmos. Se as culturas, são distintas o que nos torna humano é igual. No poema Bicicletas, cada poeta tem sua lembrança. Um registra o que viu. O outro, o que sentiu.

Um começa assim: *Pois um circo apareceu... com seus palhaços patetas...trapezistas e um macaco... que andava de bicicleta.*

O outro poeta termina assim... *Lá me fiz a peladar... contra o medo contra o vento... com pedais de poder voar.... velóz como um pensamento... (pag. 30 e 31).*

A diagramação é adequada, Um poema a esquerda, outro a direita, no centro da página as ilustrações. Projeto gráfico delicado, com um jeitinho de antigamente e a suavidade das cores. Muita harmonia e beleza é o resultado do livro feito a quatro mãos. **IV**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
O MELHOR LIVRO DE TRADUÇÃO
ADAPTAÇÃO CRIANÇA

Diário de Blumka.

Texto e ilustrações Iwona Chmielewska.

Tradução João Guimarães. Editora Pulo do Gato

Diário de Blumka é um elogio da infância e um tratado amoroso de educação. A beleza e generosidade do olhar da menina que escreve e ilustra em seu diário as dores e pequenas alegrias de crianças que vivem em um orfanato em Varsóvia, sob os cuidados de um Doutor que sabe escutar cada uma delas e fazer da convivência um compromisso ético e solidário, são construídas com palavras e imagens. Em cada desenho, em cada dupla de páginas, estão as marcas de uma escrita de afetos, da condição de abandono, de acolhimento e de algo, ainda sem nome, que se anuncia. Belíssimo. **FF**

“Blumka viveu em Varsóvia, na Polônia, no orfanato criado pelo Doutor Korczak. Lá, ela escreveu um diário...” Assim começa *Diário de Blumka*, de Iwona Chmielewska que vai mesclando realidade e fantasia, com muita delicadeza e originalidade.

Henryk Goldszmit (nome verdadeiro de Janusz Korczak) nasceu em Varsóvia-na Polônia, em 1878 e foi assassinado no campo de Treblinka em Agosto de 1942. Era médico, pediatra, escritor (autor, entre outros livros, de “Quando eu voltar a ser criança”), publicista e pedagogo. Foi precursor de obras em prol dos direitos das crianças e diretor de dois orfanatos para crianças judias: o Dom Sierot que fundou e dirigiu e o Nasz Dom , para crianças de 7 a 14 anos, onde implantou a autogestão.

Disse Jean Piaget sobre o Janusz Korczak:

-Este homem maravilhoso teve a coragem de confiar nas crianças e nos jovens com as quais trabalhava, a ponto de transferir para as suas mãos as ocorrências disciplinares e de confiar a certos indivíduos as tarefas mais difíceis e de grande responsabilidade.

Dr. Janusz foi o criador da Pedagogia da Alegria, centrada no amor, na compreensão, na solidariedade e no respeito à infância. Em alguns trechos de *Diário de Blumka*, o leitor mais atento poderá identificar aspectos de sua proposta pedagógica, pois Blumka escreve em seu diário:

"O Doutor sempre nos fala que toda criança tem o direito de guardar para si mesmo todos os seus sonhos e os seus segredos" ou ..."a verdade sempre deve ser contada para as crianças".

As ilustrações acentuam e engrandecem a narrativa. Por exemplo, uma delas, de página dupla, mostra o Doutor pendurando as roupas no varal, sua práxis, o registro da solidariedade e do companheirismo.

Na vida real foram duzentas crianças judias e órfãs. Na ficção são representadas, simbolicamente, por doze crianças numa ilustração de uma fotografia que abre as portas da narrativa.

Blumka escreve no seu diário o nome cada uma das 12 crianças e suas características individuais ou fatos acontecidos, engraçados ou não. Tem o Zigmus que está sempre com fome, a Reginka que leu o maior número de livros, Pedrinha que tem 5 anos e que ajudava a descarregar o carvão usando o seu penico e o Amarek, o melhor marceneiro da oficina. Havia também a Hannah que xingava e brigava com todo mundo e após muitas conversa com o Doutor, mudou seu jeito de ser. Aron costurava muito bem. Pola, a que colocou uma ervilha para crescer dentro de seu ouvido e o Zymek que era o melhor descascador de cebolas. Tão semelhantes e tão diferentes, mas sempre valorizados no que sabiam fazer de melhor.

Stasiek era grandão.com uma perna mais curta que a outra. Era o melhor aluno da escola e foi eleito o mais solidário naquele ano.

Riwka, a melhor em todos os esportes, tinha um irmão bem pequeno, Chaim, que às vezes atrapalhava a vida deles. Um dia Chaim foi encaminhado ao tribunal. Mas disse o doutor:

"Chaim não é mau garoto, apenas a vida não foi nada fácil para alguém tão pequeno."

Pela voz da menina Blumka, a autora nos apresenta, de forma delicada e sensível, numa linguagem clara e fluida, um pouco da vida destas crianças no orfanato e também um pouco do pensamento deste grande pedagogo, porque o resto da história escreveu Blumka no seu diário: "o resto eu conto para vocês amanhã."

MAS O AMANHÃ NÃO VEIO!

O projeto editorial, a ótima impressão, os cadernos costurados demonstram o cuidado que esta obra merece.

As ilustrações da própria autora, seus tons, as cores suaves do papel, a diagramação, tudo contribui para fazer da obra *Blumka* merecedora do prêmio FNLIJ Monteiro Lobato- a melhor tradução adaptação criança de 2018. **MB**

No mercado editorial brasileiro voltado para o público leitor de crianças e jovens, o ano de 2017 marcou-se por um grande número de publicações com histórias de personagens que viveram a Segunda Grande Guerra Mundial e o Holocausto. Contabilizaram-se, no conjunto de livros concorrentes ao Prêmio FNLIJ 2018, nove traduções publicadas por diferentes editoras brasileiras tratando de temas relacionados a esses acontecimentos, entre elas, o livro ilustrado *Diário de Blumka*, que indicamos para receber o prêmio da categoria Tradução Adaptação Criança. Tal tendência editorial parece advir da necessidade de fazer com que os leitores de hoje não se esqueçam dos horrores do nazifascismo, sobretudo em um momento de crescente avanço de posições político-ideológicas conservadoras em âmbito mundial.

A premiada autora polonesa Iwona Chmielewska homenageou o 70º aniversário de morte do médico e educador judeu-polonês Henryk Goldszmit, conhecido pelo pseudônimo que adotou como escritor, Janusz Korczak, com a publicação do *Diário de Blumka*, cuja narradora-testemunha dá título à obra. *Blumka* apresenta-se como uma das duzentas crianças órfãs que viviam sob os cuidados do Doutor Janusz Korczak, cujos ideais pedagógicos revolucionários, marcados por um profundo sentido humanitário e por grande amorosidade, transparecem não somente no texto verbo-visual do livro, mas também nos seus paratextos: a biografia da autora e a do protagonista da história.

O tênue limite entre realidade e ficção encontra-se não somente na parte verbal, mas também na parte visual do texto, composta por desenhos e colagens, por meio dos quais o diário e seus personagens habitam o livro enquanto objeto, mas também se materializam nele próprio.

Trata-se de uma obra plena de sutilezas, que desafia o leitor a estabelecer relações entre o texto verbo-visual e os elementos peritextuais do livro, a fim de encontrar as chaves interpretativas que lhe permitirão fruir plenamente sua leitura. **MM**

O livro *Diário de Blumka*, de Iwona Chmielewska, traduzido por João Guimarães, trata poeticamente de um tema bastante difícil, que foi o Holocausto, a partir

do olhar da menina-protagonista Blumka que descreve a convivência com outras crianças no orfanato em que vivia sob os cuidados do professor Janusz Korczak (Henryk Goldszmit), que se responsabilizou pela educação de cerca de 200 crianças órfãs na cidade de Varsóvia, na Polônia. A linguagem infantil da escrita, atribuída à menina, circunda delicadamente os meandros emocionais daquelas crianças e também descreve as características de cada uma delas. O livro apresenta, ao final da narrativa, um paratexto que conta a história do professor Janusz e sua importante participação na história da segunda guerra mundial, quando defendeu o direito das crianças que posteriormente foram mortas em campos de concentração. As ilustrações da narrativa constituem-se como se fossem colagens em cadernos, com fotos, desenhos e pequenos objetos, dando destaque à imagem do diário da menina que é envolto por todos os outros elementos. **ED**

O livro “Diário de Blumka” se apresenta como um “caderno de viagem”, uma viagem a Varsóvia, Rua Krochmalna, 92. Registra, em suas páginas amareladas, o amadurecimento do olhar de uma menina – Blumka. Mostra as percepções, curiosidades, reflexões e paixões dela ao buscar saber como agir em um mundo cheio de possibilidades e limites por construir.

Por meio da escrita, desenho, fotografia e colagem essa menina faz-nos conhecer o dia a dia de sua casa e das pessoas que moram lá. Para conhecer a morada, o leitor é instigado a ler o diário desde a capa. Com um projeto gráfico primoroso, sua arte se mostra nas folhas mágicas de um caderno com pauta, onde uma menina de olhos bem abertos e sorridentes olha para o leitor e parece fazer-lhe um convite: vamos voar?

Na posição inferior, porém, está um homem que poderia ser o avô dela. Ele a observa cheio de ternura. Ao abrir o livro, algumas roupas de crianças dançam no varal feito das linhas do caderno. Serão uniformes? Quantas crianças moram nesta casa?

A próxima página, propositalmente em branco. O que este diário (des)vela? Que histórias se escondem na história descrita pelo diário? Por que o diário de outrem tanto nos excita? Quem nunca escreveu ou quis escrever um diário?

Assim, o leitor chega à folha de rosto a qual sugere uma (ex)posição: ao mesmo tempo em que mostra a inversão de posição da menina e do senhor da capa - agora é ela que volta seu olhar para o alto, observando o corpo de um homem que lhe acena – prepara o leitor para cenas, atos, figuras: a (ex)posição de uma

casa – uma morada. “Nesta grande casa viveu Blumka, a autora do diário, e com ela o Doutor Korczak, a Senhora Stefa e 200 crianças órfãs judias.” Onde estarão todas essas crianças? Por que apenas 12 se mostram?

Do expectador, espera-se que estremeça a cada novo instante em que a narrativa emocionante proporciona por sua delicadeza, ainda que o desfecho conduza o leitor a imaginar a tristeza que está por vir. É assim que, a partir das próximas páginas, a morada como narrativa, personagem e cena aparecem na voz que ecoa do diário da menina.

A morada como narrativa, conforme argumenta Derrida (2001), refere-se à morada como se a morada, sua permanência, fosse a verdadeira personagem central ao mesmo tempo que a cena, o lugar, o ter lugar na narrativa. No diário, a morada constitui-se também como lugar de alegria, amor, compreensão, solidariedade, diálogo e, acima de tudo, respeito à infância.

Nesta perspectiva, “Diário de Blumka” é prêmio merecido não só por sua grandeza como literatura na categoria a qual concorre em que “texto e imagem, realidade e ficção se entremeiam para dar um rosto e uma individualidade a cada criança, cujo trágico destino hoje só é lembrado por meio de uma inscrição em metal em um bloco de granito”. Mas principalmente, por tratar de dilemas humanos universais, ao colocar em evidência a dificuldade de uma luta que Janusz Korczak, cidadão quase desconhecido, iniciou lá atrás e que continua ainda hoje: o respeito à infância. Uma luta para que “Os Direitos da Criança” não fiquem reduzidos apenas à “letra morta da lei”.

Ao ressaltar uma casa comprometida com a alegria em detrimento da violência, o livro chama a atenção para o problema que gera o não-reconhecimento das diferenças, sejam elas étnicas, religiosas, de gênero, de idade, etc. Mostra que esse não-reconhecimento significa a discriminação e a exclusão e, no limite, a eliminação, partindo do exemplo drástico do nazismo.

Ao delinear um projeto de livro admirável, trazendo para primeiro plano uma dimensão política – acima de tudo –, “Diário de Blumka” provoca-nos a perguntar sobre os “Direitos Humanos”. Escrito e ilustrado pela polonesa Iwona Chmielewska, ultrapassa as barreiras de seu contexto e época para ganhar voz em traduções em diversos países, como: Polônia, França, Israel, Coréia do Sul, Japão e, agora, Brasil. Nesse sentido, “Diário de Blumka” pode se constituir, à maneira do saudoso Gonzaguinha, como “uma pequena memória para um tempo sem memória”.

Este é O LIVRO. Vale a pena! **TP**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
O MELHOR LIVRO DE TRADUÇÃO
ADAPTAÇÃO INFORMATIVO

O menino Nelson Mandela.

Viviana Mazza. Tradução Silvana Cobucci Leite.
Capa Mauricio Negro e miolo Paolo d'Altan.
Editora Melhoramentos

O menino Nelson Mandela é uma obra importante que traz informação sobre esse ícone universal, especialmente para o leitor jovem. Uma biografia romancada que convida o leitor a conhecer ou revisitar uma história de coragem, resistência e humanista, que foi Nelson Mandela. O livro tem informações detalhadas sobre sua trajetória contra a segregação racial, opressão, o sofrimento e as conquistas em defesa da liberdade de uma nação, com o fim da apartheid.

De menino a primeiro presidente negro da África do sul, a narrativa de Viviana Mazza aborda com linguagem simples e compreensiva, fatos que marcaram a vida do Rolihlahla, como era chamado. Das brincadeiras de infância, a escola, a relação com os colegas, com os brancos, a reflexão e a determinação em lutar por mudanças, são alguns capítulos dessa linda e emocionante história. Ainda as perseguições, a prisão durante vinte e sete anos, um percurso que enfrentou com resistência, luta e perdão, qualidades que o levaram a presidência do país. Essa obra retrata um exemplo de vida para os leitores, enriquecida de um mapa do país, um glossário com palavras de Xhosa e uma cronologia dos fatos que marcaram a história de Nelson Mandela, uma das personalidades mais importantes da história da humanidade. O texto bem traduzido por Silvana Cabucci Leite e as ilustrações de Mauricio Negro e Paulo d'Altan sintonizadas com o tema reúnem as condições necessárias à premiação. **RL**

É essencial que Néelson Mandela se presentifique na vida das crianças e dos jovens. Mas que um super-herói de quadrinhos, o grande líder sul-africano reúne tanto predicados e poderes reais que empana a fantasia. Uma figura de carne e osso

que, pelo exemplo de coragem, perseverança e determinação, conseguiu unir um povo. Este livro é a materialização de uma ideia: objetiva essa perpetuação na memória. Em linguagem bem cuidada, narra situações vividas pelo menino em sua terra natal. São fatos alegres, comoventes e significativos da infância e da juventude, desvelando o homem que surgiria adiante. Termina com as cerimônias fúnebres de Madiba em sua aldeia reverenciado pelos seus e pelo mundo. Cabe ressaltar a ilustração da capa. O rosto de Mandela é tomado pelo título do livro, sua cabeleira branca marcante, com uma espécie de gravata que representa um punho em forma de figa. Galhos espriam-se na camisa, vulto de pessoas fugindo. Simbolicamente a luta iniciada e empreendida pelo grande líder, que ainda perdura, alimentada sempre pelo seu exemplo. **MTG**

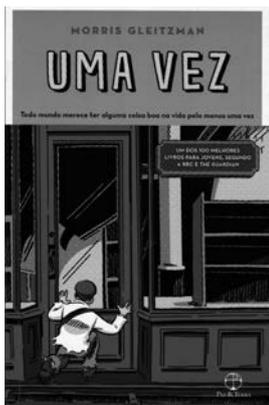
Trata-se de produção editorial bem cuidada, com capa e ilustrações internamente criativas, que transmitem a dinamicidade da infância de Mandela. O texto verbal, dialogando com a linguagem visual, oferece ao leitor a vivência de aspectos significativos da cultura de origem do personagem. Ao optar por uma biografia romaneada dessa fase, a autora aproxima-se do leitor em formação. O livro, portanto, por sua concepção gráfica e conteúdo verbal, permite-lhe experiência estética abrangente. **VA**

O menino Nelson Mandela, de Viviana Mazza, nos conta a história do líder Nelson Mandela desde a infância até a sua morte. O texto é escrito em linguagem simples e intercala momentos leves e outros tristes - e não poderia ser diferente, já que retrata a forma como os negros eram tratados e os sofrimentos pelos quais passavam.

A história de Mandela merece ser lida e relida por todos, e o estilo utilizado por Viviana para contar a vida deste líder permite que o leitor entenda o ganho que hoje temos nas sociedades em função da luta que Mandela travou a favor de seu povo.

Apesar de o preconceito ainda se manifestar em diferentes níveis dentro e fora do nosso país, este livro contribui para que possamos conhecer esse ser humano fantástico que foi Mandela e permite nos informarmos como leitores e cidadãos.

O projeto gráfico simples tem ilustrações de Paolo d'Altan, que são de bom gosto. **GM**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
O MELHOR LIVRO DE TRADUÇÃO
ADAPTAÇÃO JOVEM

Uma vez.

Morris Gleitzman. Tradução Marília Garcia. Editora Paz e Terra

Assim como Sherazade, Félix, o garoto de 10 anos, morador de um orfanato na Polônia, sobreviveu ao Holocausto porque sabia contar histórias. Em busca de seus pais, livreiros judeus, ele vai presenciando e desvelando os horrores da guerra, metaforizados pelo olhar da sua imaginação de criança leitora.

Numa escrita fluente, o autor, de ascendência judia, constrói uma trama comovente que nos convida a vivenciar uma triste parte da história da humanidade. Uma parte que precisa mesmo ser contada para que não seja esquecida e muito menos repetida.

A ternura é o fio que conduz a narrativa, uma ternura que nos faz pensar em relativizar *as coisas boas que merecemos* nos mais diversos momentos do decorrer de nossas vidas: uma cenoura inteira num prato de sopa rala; manter consigo o caderno de histórias escapar da mira de um soldado nazista; escapar vivo da queda de um trem em movimento...

“Todo mundo merece ter uma coisa boa na vida, pelo menos uma vez... Eu tive. Mais de uma vez.” **cs**

Uma narrativa delicada e pungente sobre os horrores da guerra e da perseguição aos judeus, *Uma vez*, do australiano Morris Gleitzman, relata a jornada do garoto Felix que, após viver por anos em um orfanato na Polônia, decide fugir e encontrar seus pais. Na travessia, o menino tem ganhos e perdas (amigos, sentimentos e emoções), mas a mais significativa conquista é a possibilidade de narrar a própria história como forma de superação da tragédia do holocausto. O projeto gráfico-editorial é muito simples – informações sobre a narrativa e sobre o autor nas Orelhas; texto do autor para seus leitores, com a informação

que a história foi inspirada em fatos reais -, sem ilustrações, mas traz na capa uma imagem, com traços de época, de muita força expressiva. **AM**

Leitura essencial. É assim que podemos classificar este livro de Morris Gleitzman.

Em uma época como a atual, em que o desrespeito e a intolerância têm aflorado em diversos países, todos os jovens deviam ler *Uma Vez*. Narrado em 1ª pessoa pelo menino Félix, a história começa no orfanato católico, para onde ele fora mandado pelos pais. Certo dia, após perceber que os nazistas estão queimando livros, Félix decide fugir para avisar seus pais, livreiros e judeus, do perigo que os cerca. Começam assim as peripécias do menino, que, sem entender bem o que está acontecendo (quem são os nazistas, por que não pode dizer que é judeu), acaba tendo que fugir de diversas situações perigosas.

A tragédia da guerra, porém, vista pelos olhos de um menino, é carregada de lirismo e até de certo humor. Sua inocência, que aos poucos vai se perdendo em meio aos horrores que vivencia, mescla sustos com cenas de violência a comentários como “Ser judeu é como ser católico, só que um pouco diferente”. Félix é um contador de histórias, que certa vez faz um nazista com dor de dente sorrir. E que, nos momentos finais do livro, quando ele e um grupo de judeus tentam fugir do destino fatal que os aguarda, conta uma história sobre crianças que pulam de um trem em movimento e, no futuro, “inventam uma cenoura que cura todas as doenças”.

O projeto gráfico-editorial é simples, sem ilustrações a não ser a da capa. A estratégia narrativa de iniciar os parágrafos sempre da mesma forma (“Uma vez...”) garante um ritmo cíclico. A linguagem é objetiva, com frases curtas e parágrafos por vezes formados por poucas palavras, o que confere agilidade aos momentos mais tensos da narrativa e, eventualmente, colaboram para o lirismo e a construção do humor.

Um lindo livro. Triste, doloroso, mas essencial. **LWS**

Uma vez filia-se à recente tendência editorial de publicação de obras com temática sobre a perseguição aos judeus durante a Segunda Grande Guerra Mundial e os horrores do Holocausto.

Seu narrador-protagonista, o menino Felix Salinger, rememora sua triste infância de criança judia deixada pelos pais em um orfanato cristão, na tentativa de salvá-lo de seu destino trágico. A narrativa assume o ponto de vista não do tempo da enunciação, mas do tempo do enunciado, ou seja, o narrador-protagonista

revela uma visão e uma compreensão próprias da infância sobre os acontecimentos dolorosos e inexplicáveis por ele vividos, interpelando frequentemente o leitor, para buscar sua adesão ao seu projeto de lembrar sua busca vã pelos pais, vítimas do nazismo.

Cada um dos dezessete capítulos inicia-se sempre com a expressão “Uma vez”, fórmula que remete a à fabulação, ou seja, a uma história inventada, fantasiada, mas que, na verdade, traduz o modo de a personagem recordar os fatos vividos em sua mais tenra idade, a idade da inocência que, aos poucos, se perde devido aos acontecimentos vividos de modo extremamente adverso e desolador. Ao transformá-los em um “exercício” de fabulação, seu relato revela-se ainda mais pungente.

Em um posfácio (p. 157-158), o autor dirige-se ao leitor, corroborando a atitude de seu narrador-protagonista e restabelecendo o pacto narrativo, ao afirmar a ficcionalidade de seu texto e revelar suas estratégias de construção da história contada, inspirada em fatos reais. Tais estratégias revelam-se muito eficientes, uma vez que o leitor tem em mãos um texto que captura sua atenção e emoção do início ao fim. **MM**

Com um tema reprisado, ultimamente, “Uma vez” é um bom livro sobre guerra. Na perspectiva de uma criança, o leitor tem acesso às agruras do período da Segunda Guerra Mundial durante a invasão à Polônia. Nesse livro de Félix Salinger, a personagem principal, um menino de dez anos, adora ler e inventar histórias, é internado (pelos pais) num orfanato como proteção. Ao lado de sua origem judaica, não pode revelar esse segredo. Durante uma visita de agentes da Gestapo, o menino ouve notícias terríveis sobre as ações que os nazistas desenvolverão na região.

Félix decide, por isso, fugir para encontrar os pais e contar-lhes o que ouviu. A partir de então, a personagem inicia a jornada para casa, num país tomado por nazistas, com fome, frio e os demais horrores da guerra. A viagem serve para ele experimentar os efeitos da guerra bem de perto, e longe de qualquer tipo de proteção. Esse é um livro testemunho de um período triste e sombrio da história da humanidade na Europa do século passado. E muito bom. Destacamos a adequação do título, por referir a um tempo passado, efetivamente. Não há possibilidade de ser pensado no modo imperfeito, só no pretérito que o dá como encerrado, felizmente. Daí ser pertinente chamar-se “Uma vez”. **TP**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
O MELHOR LIVRO DE TRADUÇÃO
ADAPTAÇÃO RECONTO

Barbazul.

Adaptação e ilustração Anabella López.

Tradução Susana Ventura. Baseado no conto de Charles Perrault. Editora Aletria

A obra de Anabella **López**, baseada em conto de Perrault, permanece atual e nos instiga a refletir sobre o papel da mulher, histórica e culturalmente estabelecido na sociedade. O conto reforça o comportamento obediente e servil que ainda se espera delas. Todavia, o desfecho da escritora argentina nos convida a pensar nas possibilidades de um novo desfecho, seja para a personagem, seja para as mulheres que sofrem pela violência ou opressão.

O livro, premiado com o selo “Distinção do Prêmio Cátedra Unesco de Leitura”, traz ilustrações da própria autora que se entrelaçam e dialogam com o texto, na antítese claro/escuro, no uso de traços fortes, impactantes que reiteram a densidade do tema abordado, tão antigo quanto atual. **CS**

Anabella López, escritora e ilustradora argentina, reconta uma obra clássica de Charles Perrault, originalmente publicado em 1697 no livro Contos da Mamãe Gansa. Com ilustrações belas e um projeto gráfico cuidadoso, a autora apresenta um conto pouco conhecido de Perrault. Barbazul, conto aterrorizante em torno da desobediência de uma esposa, mas não deixando de caracterizar-se como um conto de fadas. A autora ganhou o Prêmio Jabuti (2015), na categoria ilustração. **MC**

Barba Azul, personagem clássico de Charles Perrault, se transforma no livro de Anabella López. O texto conta a já conhecida e terrível história do homem poderoso que matava suas mulheres. Mas são as ilustrações e o projeto gráfico imponente que fazem de *Barbazul* um livro intenso, materializando em suas

cores e traços toda a violência da narrativa. Um grande reconto, criado, especialmente, por suas imagens. **FF**

O clássico Barba Azul, de Charles Perrault, reconhecidamente uma história de moral e de ensinamento de um tempo tenebroso e de dominação masculina, se transmuta na versão de Anabella López em uma arte que tematiza o presente e que propõe outra moral. O projeto gráfico e as ilustrações têm densidade e força destacando a violência da narrativa. Não é um simples reconto, é outra história. **LP**

Segundo Anabella López, foi após exaustivas pesquisas do conto original de Perrault, que ela chegou à versão, que ora apresenta a aos leitores. Com projeto gráfico cuidadoso Barbazul (não mais Barba Azul), com imagens marcantes e reveladoras, feitas pela própria autora, com linguagem e temática revisitadas, o novo/velho conto revela-se atualizado em relação aos dias de hoje. A sabedoria antiga, no entanto, permanece, convidando leitores de diferentes idades a refletir sobre tantos dos sentimentos e atitudes que - como os personagens principais dessa história - todo o ser humano carrega, de uma forma ou outra, pela vida afora. **sc**



PRÊMIO FNLIJ ESCRITOR (A) REVELAÇÃO

Sr. Chacal: noite de Galo.

Elissa Khoury Daher. Il. Rubens Matuck. Editora Biruta

O livro de estreia de Elissa Daher é realmente uma história que merecia ser contada. E a autora o faz de maneira leve e fluente, garantindo uma leitura interessante e agradável ao leitor. Curiosa e divertida, *Sr. Chacal: noite de galo* aproxima do jovem leitor um universo ainda pouco explorado pela literatura infantil brasileira: a cultura oriental. Um pouco de *causo*, misturado aos elementos da

fábula dão a esta narrativa a pitada de originalidade que não podia faltar. O traço original e as ilustrações aquareladas de Rubens Matuck complementam e agregam à obra força e suavidade. **CS**

Elissa Khoury Daher trouxe com originalidade e vivacidade a noite colorida da caçada e as consequências que se desencadearam da mesma levando o leitor a acompanhar o chacal e compartilhar da experiência. Dividir as histórias familiares é parte do que deixamos para as próximas gerações, amenizando a distância entre as mesmas. A versão em árabe também contribui para isto. A autora nos bridou com essa revelação, cuja narrativa exótica se torna mais atraente com as ilustrações sinestésicas de Rubens Matuck. **RL**

“Sr. Chacal : noite de Galo” é uma história de origem árabe contada de pai para filha em linguagem descontraída e ricamente ilustrada por Rubens Matuck. A fábula adquire “cor, tinta e vida” graças a habilidade de Elissa Khoury que, com o dom de uma Sherezade, desperta o interesse do leitor. Como estreadante, a narradora promete que outros bons textos virão. Destacamos as ilustrações aquareladas de Rubens Matucke a versão em árabe. **NS**

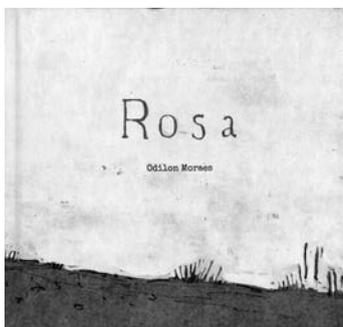
Elissa traz para o público infantil brasileiro uma encantadora história de animais, no caso um chacal, que vem a ser um primo próximo do lobo e do cachorro, e famoso protagonista da literatura oriental. Essa história, diz a autora, é recon-tada a partir do relato de seu pai sobre como um chacal de verdade mordeu a mão da mãe dele, portanto sua avó, num lugarejo do Líbano. De forma engraçada, com riqueza de detalhes, suspense e situações inusitadas nos conta sobre o plano de vingança do chacal ao comer o galo gordo e de estimação criado pela moradora do lugar. Pela originalidade, magia e encantamento da recriação merece o prêmio revelação de 2017. **IC**

Sr. Chacal: noite de galo é o primeiro livro escrito por Elissa Khoury Daher e conta a história de um chacal (animal comum no Líbano) que tem bronca de um galo por ter lhe assustado no passado. Ele quer se vingar matando o galo, porém isso não será fácil e os atos terão consequências. Neste clima se passa uma boa história. O conto é escrito em linguagem simples, seus personagens são bem construídos, o cenário é convincente, o enredo prende e a sensação que fica no leitor é de ter participado de uma aventura e de uma boa leitura. **GM**

Elissa é habilidosa no modo de narrar. Ao escolher um clássico universal, buscou uma fábula do Pantchatranta de 250.aC. da Índia. Bem mais tarde encontramos versões no famoso registro em Kalila e Dimna publicado em árabe na Persia - Uma página do *Kelileh o Demneh* datada de 1429, de Herat, tradução *Panchatantra* derivada da versão árabe – *Kalila Dimna* —

As histórias caminham e a atualização das versões de cada época é um verdadeiro repositório de sabedoria.

As informações da orelha do livro registram que Elissa ouviu a fábula contada por seu pai. Memórias de quando sua bisavo libanesa Sahied foi mordida por um chacal. A cultura oral é viva e repassada de geração em geração. Por seu talento de escrever tão harmoniosamente. **IV**



PRÊMIO FNLIJ A MELHOR ILUSTRAÇÃO

Rosa.

Texto e ilustrações Odilon Moraes. Edições Olho de Vidro

As ilustrações de Odilon de Moraes para o texto de *Rosa* também de sua autoria, da Editora Olho de Vidro são um convite para uma verdadeira fruição estética. Um convite para ver com olhos desacostumados, olhos de Miguilim. Só assim se perceberá a importância da capa dura, de um branco leitoso, que prepara para a entrada no rio-livro. Cada par de páginas é uma só ilustração possibilitando a percepção de um movimento simultâneo de ida e volta.

O desencontro entre o tempo da imagem e do texto deixa a sensação de ida de uma margem á outra, oscilante, para alcançar a terceira margem do rio.

Páginas quase vazias trazem silêncios profundos. Páginas completamente preenchidas por traços ágeis pedem uma observação mais demorada, pedem paciência para a fruição, quase uma degustação lenta. Efeitos produzidos por ilustrações primorosas em duas cores. Páginas quase vazias de texto se enchem com ilustrações que dizem apenas o necessário. Nada na ilustração é demais, nada é supérfluo.

Odilon Moraes, escritor e ilustrador, duas vezes vencedor do prêmio Jabuti, pelas ilustrações de (A saga de Siegfried e O matador) e ganhador do Prêmio FNLIJ-O Melhor Livro para Crianças (A Princesa medrosa e Pedro e lua) escreve Rosa com referências à obra A terceira margem do Rio, de João Guimarães Rosa, pois está no livro Rosa.

“Pai, o senhor me leva junto nessa sua canoa?”

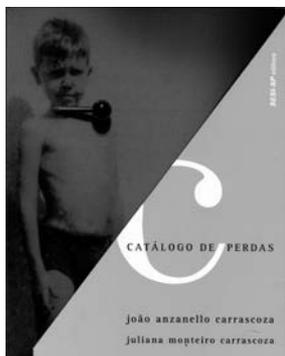
Seria a primeira imagem uma alusão à estação de trem do conto Sorôco?

Odilon de Moraes reescreve também:

–“Rio abaixo, rio afora, rio adentro...”

As ilustrações primorosas de Odilon Moraes ajudam o leitor a adentrar no livro-poema *Rosa*, onde predomina a sugestão mais do que a explicação, sem obviedades. **MB**

A história deste livro dialoga intertextualmente com “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, tanto pela temática do pai que está em uma canoa, como pelo nome do filho, Rosa. As ilustrações apresentam delicadamente o desenrolar dos fatos e os sentimentos dos personagens, construindo, junto com o material verbal, um diálogo interessante e criativo. Os tons em sépia remetem para os tons de terra, chão batido, rio barrento. Os riscos, ora vigorosos ora delicados, traduzem as emoções da história, levando o leitor a imaginar o que vem a seguir. Trata-se, portanto, de um livro que agrada todos os leitores, ultrapassando a classificação de infantil ou juvenil, como convém a uma obra de arte. **LWS**



PRÊMIO FNLIJ GLÓRIA PONDÉ
O MELHOR PROJETO EDITORIAL

Catálogo de perdas.

João Anzanello Carrascoza. Fotografias Juliana Monteiro Carrascoza. Capa e projeto gráfico Raquel Matsushita. Editora Sesi-sp

O livro, inspirado no acervo do *Museum Broken Relationships*, de Zagreb, na Croácia, tem, nas capas, contracapas e folhas de guarda, fotos antigas de Juliana

Monteiro Carrascoza, em preto e branco; é impresso em papel de qualidade, gramatura excelente, em páginas dobradas, que guardam em seu interior as imagens fotográficas inerentes a cada relato. As fotos de familiares da fotógrafa, em perfeita sintonia com a natureza e o estado de espírito das personagens dos episódios, recebem tratamento especial - luminosidade, enquadramento, movimento de luzes e sombras, disposição na página – e contribuem para a compreensão do universo de perdas em que se movem as criaturas das narrativas. **AM**

O livro se apresenta como um objeto estético perfeito. Projeto gráfico diferenciado com inovações raras na produção nacional. Já na capa temos abas triangulares externas de ambos os lados e ao abri-las o leitor encontrará uma foto que fechada é parcialmente visível. A impressão é feita em folhas dobradas. Aberta escondem fotos como um álbum antigo e misterioso. O papel de boa gramatura é o suporte adequado para a arte de Juliana Monteiro, a fotógrafa e de Rachel Matsushita a designer da capa e miolo. O Formato é geralmente usado para livros de arte. E esse detalhe amplia o campo visual para o texto e para as fotos semiocultas em preto e branco. A abertura das letras minúsculas são grandes e em bold os títulos pequenos e delicados. Lindo livro, bom de ver e bom de ler. **IV**

MANTENEDORES

Abacate Editorial Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora DCL; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Fund. Cult. Casa Lygia Bojunga; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Leya Editora; Marcos Pereira; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PWC; RHJ Livros Ltda; Rovelle Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Tribos Editora; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda e WMF Martins Fontes Editora Ltda.

GESTÃO FNLIJ 2017-2020

CONSELHO CURADOR: Carlo Carrenho, Christine Castilho Fontelles, Guilherme Pinto Zincone, Ísis Valéria Gomes, Leonardo Chianca e Roberto Ferreira Leal.

CONSELHO DIRETOR: Wander Soares (Presidente), Anna Maria Rennhack e Marisa de Almeida Borba.

CONSELHO FISCAL: Henrique Luz, Jorge Henrique Carneiro e Marcos Veiga Pereira.
Suplentes: Amir Piedade, Diego Drumond e Lima e Paulo Rocco.

CONSELHO CONSULTIVO: Alfredo Weiszflog, Annete Baldi, Beatriz Bozano Hetzel, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José de Alencar Mayrink, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Cunha e Silvia Gandelman;

SECRETÁRIA GERAL: Elizabeth D'Angelo Serra.

FUNDADORAS: Laura Sandroni, Maria Luiza Barbosa de Oliveira e Ruth Villela.



FNLIJ
2018 | 50 ANOS

**Fundação Nacional do Livro
Infantil e Juvenil**

Rua da Imprensa, 16 sl. 1212

cep: 20030-120

tel: 21 2262-9130

fax: 21 2240-6649

e-mail: informacao@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

BIBLIOTECA FNLIJ

A Biblioteca FNLIJ disponibiliza pelo site as informações de seu acervo de livros de literatura infantil e juvenil, publicados no Brasil, sendo permanentemente atualizada, com a produção brasileira de literatura para crianças e jovens, enviada pelas editoras para a FNLIJ, incluindo informativos e teóricos sobre literatura infantil e juvenil, leitura e áreas afins.

Atualmente a Biblioteca FNLIJ possui um dois maiores e mais importantes acervos de livros de literatura infantil e juvenil do país, com mais de 50 mil exemplares.

As informações estão disponibilizadas para consulta, por meio do sistema *Pergamun*, no site da instituição, através do link: **<http://biblioteca.fnlij.org.br:81/pergamum/biblioteca/>**

www.fnlij.org.br